

Tense and Aspect in Capeverdean: a compositional strategy

Fernanda Pratas

In Capeverdean (Portuguese-based Creole language, here taken in the variety of Santiago Island), the bare form of eventive verbs has a past interpretation (1) whereas the bare form of some stative verbs has a present reading (2):

(1)	<i>N badja.</i>	(2)	<i>N sabe.</i>
	1SG dance		1SG know
	'I danced.'		'I know.'

In order to mark different tenses, aspectual and modal values, the language uses a complex strategy of combinations and dependencies that involves some functional morphemes (the more common are *sata* and *ta*, preverbal, and *-ba*, that appears as affix; there are also the less common *dja* and *al*, preverbal, and *-du* and *-da*, postverbal – these last two mark passive constructions). This compositional strategy also involves materials in other areas of the sentence, such as temporal locatives, embedded sentences, etc. Crucially, when a verb considered as stative presents an “eventive” interpretation (as in (3), where the reading is “get to know”), the combinatory restrictions between the verb and the morphemes are the same as we see with eventive verbs.

(3)	<i>Simana pasadu, N sabe ma bebe di Lurdes dja nace.</i>
	week last, 1SG know COMP baby PREP Lurdes TAM be.born
	'Last week I knew that Lurdes' baby was born.'

Facts as the one observed in (3) have motivated some incorrect descriptions of the language and, on the other hand, may contribute for a better understanding of which property of stative verbs must be more precisely defined.

In this communication, I hope to have shown the relevant data of Capeverdean with respect to this empirical puzzle. The analysis of these different sentences and contexts supports the proposal that only a compositional approach can account for the possible construction of different temporal interpretations.

Tempo e Aspecto em Caboverdiano: uma estratégia composicional

Fernanda Pratas

Em Caboverdiano (língua crioula de base lexical portuguesa, aqui abordada na variante da ilha de Santiago), a forma nua dos verbos eventivos tem uma interpretação de passado simples (1) enquanto a forma nua dos verbos estativos tem uma interpretação de presente (2):

(1)	<i>N badja.</i>	(2)	<i>N sabe.</i>
	1SG dançar		1SG saber
	‘Eu dancei’		‘Eu sei’

Para marcar diferentes tempos, valores aspectuais e modos, a língua recorre a uma complexa estratégia de combinações e dependências que envolve alguns morfemas funcionais (os mais comuns são *sata* e *ta*, que ocorrem em posição pré-verbal, e *-ba*, que surge como sufixo do verbo, mas existem ainda os pré-verbais *dja* e *al*, e os afixos pós-verbais *-du* e *-da*), mas também outros materiais noutras áreas mais periféricas da frase, como locativos temporais, orações encaixadas, etc. Crucialmente, quando um verbo considerado estativo apresenta uma interpretação “eventiva” (como em (3), em que saber tem a leitura de “ficar a saber”), as restrições combinatórias entre o verbo e os morfemas funcionais passam a ser as mesmas que se aplicam aos eventivos.

- (3) *Simana pasadu, N sabe ma bebe di Lurdes dja nace.*
semana passada, 1SG saber COMP bebé PREP Lurdes TAM nascer
‘Na semana passada eu soube que o bebé da Lurdes (já) nasceu.’

Factos como os ilustrados em (3) têm dado origem a algumas imprecisões descritivas da língua e, por outro lado, podem vir a contribuir para uma melhor definição do que se entende por verbos estativos.

Nesta comunicação proponho-me fazer uma descrição de dados relevantes do Caboverdiano de modo a ilustrar estas possibilidades combinatórias. A partir da análise das diferentes frases e contextos será possível mostrar que só uma abordagem composicional pode dar conta desta estratégia de construção dos diferentes valores temporais.